

Pescador conta a história de Carapebus

Jadir Ferreira, 61 anos, lembra quando Carapebus ainda era uma vila de pescadores e não havia nem luz na região

Boa parte da história de Carapebus, na Serra, é guardada na memória de um antigo pescador. Desde que nasceu, Jadir Ferreira da Vitória, o "Lamparina", 61, mora no bairro.

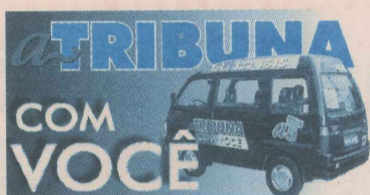
Ele contou que fez parte da antiga colônia de pescadores e viveu épocas difíceis, quando o balneário não tinha iluminação, água encanada, nem transporte coletivo.

"Sou nascido e criado aqui em Carapebus. Meu pai era pescador e marceneiro. Foi com ele que eu aprendi a pescar, aos 12 anos", disse "Lamparina", que está entre os últimos pescadores da antiga aldeia.

Ele afirmou que chegou até a ser formada uma colônia de pesca em Carapebus, mas com o tempo os pescadores foram desaparecendo. "Os pescadores daquela época já morreram e não houve continuidade. Meus próprios filhos não quiseram pescar e resolveram trabalhar no comércio", comentou.

Bem-humorado, "Lamparina", que hoje trabalha como vigilante, enquanto aguarda a aposentadoria, contou que não sabe a origem do apelido e que começou a ser chamado assim pelos pescadores do Rio de Janeiro, na época em que saía de Vitória para pescar no litoral fluminense.

Entre as antigas histórias de pescador contadas por "Lamparina" está o susto que ele e quatro companheiros levaram



com o naufrágio de uma canoa, em alto-mar, há 30 anos.

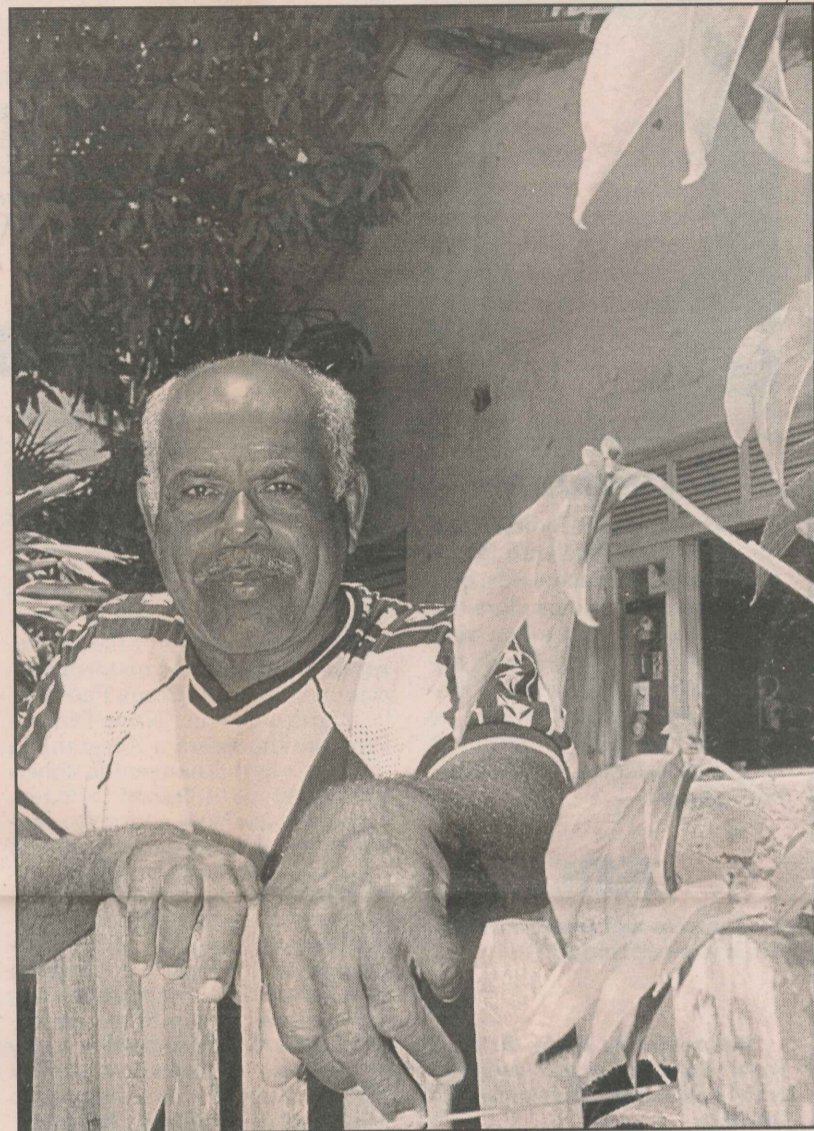
"O remendo do fundo soltou e a canoa começou a afundar. A gente não tinha bóia, então, eu disse para o pessoal segurar no casco e entregar o corpo para Deus. Duas horas depois, passou um barco, gritamos por socorro e fomos salvos", recordou.

Da mocidade, "Lamparina" também guarda lembrança das dificuldades enfrentadas pelos primeiros moradores de Carapebus, que não tinham água encanada, energia elétrica, nem transporte coletivo.

"A luz vinha do lampião de querosene, que a gente fazia em casa, e a água, da fonte do baú. Como eu era o único homem entre seis filhos, tinha que ir a pé com meu pai, até Vitória, vender as esteiras de taboa que minha mãe fazia", lembrou.

Testemunha viva das mudanças que o tempo provocou na rotina de Carapebus, ele, garante que, apesar do fim da colônia de pescadores, sua ligação com o mar está no sangue.

"Acordo cedo e vou para a praia pescar. Só não saio mais para o alto-mar, mas pesco de linha e de rede todos os dias", afirmou o pescador.



Entre as lembranças de Jadir, naufrágio em alto-mar

SAIBA MAIS

De acordo com moradores do bairro, Carapebus é uma denominação derivada do nome de um peixe de água salgada, chamado Carapeba. O peixe, muito

comum na região, é conhecido pelos pescadores locais e deu origem ao nome do bairro.

Fonte: Moradores de Carapebus

Militares ajudam no progresso

A fundação da Colônia de Férias da Polícia Militar, na década de 60, foi o pontapé inicial para o desenvolvimento do bairro Carapebus, na Serra.

Quem conta como tudo começou é o cabo reformado da PM mineira, Getro Maximiano Moreira, 64 anos, que veio para construir o clube e escolheu o local para morar com a família.

Nascido na cidade de Caratinga, Moreira disse que era construtor e veio direto para Carapebus, em 1966, no início das obras da colônia. O local para a área de lazer foi escolhido pela beleza do balneário e ligação entre as PMs capixaba e mineira.

"Trabalhei direto na obra da colônia de férias, que é formada por um conjunto de 350 casas e cerca de 65 apartamentos, em uma área com mais de 20 mil metros quadrados. É como se fosse um condomínio", comentou.

Ele recorda que, quando che-

gou a Carapebus, as poucas casas que já existiam no local não contavam com nenhuma infraestrutura urbana. Para Moreira, as imagens do início do bairro ainda estão "frescas" na memória.

"O número de residências não chegava a 30. Algumas famílias, como a de pescadores e dos Varejão já viviam aqui. Não havia estrada ou ruas. Essa área, até Carapina, era coberta por muita vegetação de Mata Atlântica", lembrou.

Com capacidade para hospedar duas mil pessoas, a colônia mineira é responsável pela mudança da rotina do balneário, nas épocas de férias e durante a temporada de verão.

Getro faz parte de uma comunidade formada por cerca de 10 famílias de policiais militares mineiros reformados, que construíram casas e decidiram viver definitivamente em Carapebus.